

Relendo Herman Lima *

Sânzio de Azevedo

No dia 21 de junho deste ano de 1981, apenas um mês e dez dias depois de haver completado 84 anos de idade (nascido que fora em 11 de maio de 1897), faleceu no Rio de Janeiro o escritor Herman Lima, sem dúvida um dos maiores nomes que, de nossa terra, têm saído para projetar-se no cenário da literatura nacional.

Nascido no Meireles, em Fortaleza, diante de um mar que povoaria algumas páginas de sua ficção, cultivou o desenho antes de dedicar-se às letras, chegando a publicar charges, capas e historietas em revistas cariocas de larga circulação, na primeira década do século.

Mas já nesse tempo, trabalhando na Fotografia N. Olsen, começava a entusiasmar-se com as narrativas de João do Norte, pseudônimo de Gustavo Barroso. Otacílio de Azevedo, meu pai, numa página de reminiscências, ao contar como entrou para aquele estabelecimento, por volta de 1912, como copiadador de retratos, evoca:

Já lá estava, empregado, um rapazola de olhos vivos e grandes, muito inteligente, às voltas com exemplares das revistas *O Malho* e *Tico-Tico*, das quais era colaborador, escrevendo e ilustrando. Na figura principal das historietas que publicava pôs o nome de João Balabrega, seguindo o exemplo de Angelo Agostini, que fazia as célebres aventuras do Zé Caipora. Esse moço era Herman Lima. 1

* Palestra pronunciada no dia 10-7-81, poucos dias após a morte de Herman Lima.

1 AZEVEDO, Otacílio de. *Fortaleza Descalça*. Fortaleza, Edições UFC, 1980, p. 245.

Graças ao prestígio de Antônio Sales, recém-chegado do Rio, onde vivera cerca de 20 anos, seria publicado, em 1917 ou 18, na revista *Fon-Fon!*, o conto *Gata Borracheira*, o primeiro conto de Herman estampado num periódico da então Capital Federal. Essa narrativa, como outras saídas de sua pena por essa época, versava tema ligado à vida dos pescadores, figuras bem familiares ao ficcionista que se iniciava. Ele mesmo confessaria que, ao pensar em novas histórias, esbarrava num problema dos mais graves: seu total desconhecimento do sertão...

Foi então que se incorporou a uma comissão que traria da construção de uma estrada de rodagem de Aracati a Quixadá, passando por Morada Nova. Admitido como feitor de campo, passaria ele quase dois anos no sertão jaguaribano, no meio dos vastos carnaubais, convivendo com a população interiorana, e podendo, então, ver de perto as paisagens tostadas pela seca ou banhadas pelo inverno. Daí por diante poderia transformar em literatura tipos e cenas de sua própria experiência.

Depois desse fecundo estágio nos sertões cearenses, onde encontrou a matéria-prima da maioria de seus contos, transferiu-se Herman Lima para a Bahia, em 1922, a fim de cursar Medicina, levando prontos os originais de *Tigipió*, livro que, editado em Salvador, mereceria a consagração da crítica, um prêmio da Academia Brasileira de Letras e, pelos anos afora, várias edições no Rio de Janeiro.

Em 1928 publicou *A Mãe-d'Água*, de contos e crônicas. Formado em Medicina, transferiu-se o escritor para o Rio em 1931, publicando no ano seguinte o romance *Garimpos*, cujo enredo se passa na Bahia. Escreveu dois livros de viagens (*Na Ilha de John Bull*, 1941 e *Outros Céus, Outros Mares*, 1942, e uma monumental *História da Caricatura no Brasil*, 1963), em quatro volumes, que lhe custou 20 anos de trabalho. Seus méritos como teórico do conto ficaram evidenciados nas *Variações Sobre o Conto* (1952), e conhecidos seus dotes de fino cronista com as *Imagens do Ceará* (1959), onde já se prenuncia o admirável memorialista de *Poeira do Tempo* (1967). E ainda temos o crítico, autor de excelentes estudos sobre Afonso Arinos, Domingos Olímpio, Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Olegário Mariano, Rachel de Queiroz e outros vultos de nossas letras.

Sem nos deter na síntese notável que são as citadas *Variações Sobre o Conto*, que mereceram calorosos elogios de Alceu Amoroso Lima e de Lúcia Miguel-Pereira, assinalo

aqui de passagem a segurança da observação crítica deste trecho, a propósito da protagonista do romance *Luzia-Homem*:

Na fixação dessa figura, Domingos Olímpio teve mão de mestre sem descaídas. Nenhum traço lhe falta, a partir da hora em que Luzia nos aparece, através da anotação assombrada do francês Paul: "Passou por mim uma mulher extraordinária, carregando uma parede na cabeça." Em todos os seus atos exteriores, como na forte carnavação dos membros poderosos, a que não era alheia, porém, nenhuma das graças mais feiticeiras da sua condição de mulher, Luzia, em todas as suas reações emocionais, não trai jamais o seu sexo.²

A partir da terceira edição (a de 1932), *Tigipió* foi re-fundido, sendo a ele incorporados três contos de *A Mãe-d'Água* (*Os Caboclos*, *As Mulheres* e *A Mãe-d'Água*), e um inédito, *O Arriero*, ficando assim 13 narrativas das melhores que tem produzido o regionalismo na literatura. E de tal modo atingiu à perfeição com seu livro de estréia, que, se não houvesse publicado mais nada, ainda assim Herman Lima teria seu nome consagrado, razão por que dele disse Braga Montenegro: "Talvez ele e Gustavo Barroso sejam os representantes mais autorizados do conto regionalista entre nós, em qualquer época."³

Por sua vez, Moreira Campos, em artigo escrito por ocasião da morte do escritor, afirmou, com sua autoridade de grande contista (um dos maiores não só do Ceará, mas do Brasil), após referir-se à admiração de Herman Lima por Anton Tchecov: "Ele próprio, Herman, era um mestre do gênero, pela realização e pelo conhecimento sobre a matéria."⁴

Alguns contos de *Tigipió* são páginas soberbas, dignas de qualquer antologia do gênero; seja no clima fantástico de *Sereias*, no anedótico de *As Guabirabas*, ou no trágico

2 LIMA, Herman. *Domingos Olímpio*. Rio de Janeiro, Agir, 1961, p. 13. (Coleção Nossos Clássicos. n.º 61.)

3 MONTENEGRO, Braga. "Evolução e Natureza do Conto Cearense". Introdução a UMA ANTOLOGIA do Conto Cearense. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará, 1965, p. 23.

4 CAMPOS, Moreira. "Minha Homenagem". *O Povo*, 23 de junho de 1981, p. 4.

de *Alma Bárbara*, em todas as narrativas sentimos o pulso do verdadeiro ficcionista.

É interessante observar o final imprevisto de alguns contos: em *O Arriero*, ouvimos a narração de um engenheiro da Inspetoria das Secas. Tendo de viajar léguas e léguas com 100 contos de réis, dão-lhe por companheiro de jornada o Mariano, caboclo de torvo aspecto, que andava sempre com um enorme punhal. Cada vez confiando menos no caboclo, o engenheiro o surpreende mexendo na valise do dinheiro; mas Mariano, já com o pacote de notas nas mãos, solta um riso mordaz e diz: "O dinheiro fica melhor comigo, doutor." Daí por diante, tudo indica que o caboclo vai terminar tentando matar o engenheiro, em plena mata. Em certo pouso, o narrador do caso é vencido pelo sono, apesar do pavor que sente. Acorda no dia seguinte, terminando assim o conto:

Junto a mim, um sorriso amável, inteiramente novo, como eu nunca lhe vira, a aclarar-lhe a face, todo envolto na auréola de ouro que o sol nascente lhe armava por trás da figura esguia, o Mariano, apoiado ao punho da minha rede, sacudindo-a de leve, convidando-me alegremente: — Vam'embo-ra, doutor! 'Stá na hora da gente largar! 5

Em outro, *Ventura Alheia*, temos a estória de dois irmãos que desde pequenos eram amigos de uma menina da vizinhança, Isabel: Justino, belo e cheio de saúde, e Damião, raquítico e extremamente feio. Com o passar dos anos, Isabel, já moça, cada vez mais se aproxima de Justino, à proporção que se afasta de Damião, que sofre com o desprezo. Uma noite, tendo viajado o irmão, deixa Damião próximo à vereda uma armadilha, com uma forquilha, uma espingarda e um cordão, a fim de surpreender uma onça. Em casa, porém, soube da volta de Justino, e correu, para evitar que o irmão, ao passar pela vereda, de volta da casa da moça, para onde tinha ido, fosse vitimado pelo tiro. Mas, ao se agachar para desfazer a armadilha, viu dois vultos abraçados, e reconheceu o irmão e a namorada. Chorando de dor, ficou muito tempo a olhá-los. Mas Justino despediu-se da moça. E o conto finda com este parágrafo impressionante:

5 LIMA, Herman. *Tigipió*. 3. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1932, p. 115.

Então, de repente, num pulo feroz, o rapaz precipitou-se para a arma carregada, calcou com força na forquilha de trás, que a sustinha, alçou mais o cano, até pô-lo à altura de visar um homem. E, tudo pronto, — o cordel esticado, os gatilhos abertos, prestes a bater, — agachado, ao pé do mato cauteloso e sinistro como uma sombra mal-dita, Damião atirou-se a correr pela vereda em fora, como um doido, soluçando de dor e de ódio. 6

No imprevisto de *O Arriero* desfaz-se o que tudo indicava dever terminar numa tragédia: Mariano, apesar do aspecto feroz e de seu imenso punhal, era de fato homem de confiança. Em *Ventura Alheia*, a tragédia é que constitui o imprevisto: Damião não desejava a morte do irmão, tanto assim que correu para desarmar o engenho mortal; mas a cena dos dois namorados juntos despertou-lhe o ciúme, mostrando-lhe toda a extensão de sua desgraça...

Quanto à presença da paisagem cearense na obra de Herman Lima, vale a pena lembrar o que sobre *Tigipió* escreveu Humberto de Campos:

O que mais caracteriza este livro é (...) a paixão da gleba, o amor intenso do autor pela terra mártir em que nasceu. Eu conheço o Ceará, algumas centenas de léguas dos seus sertões e das suas serras, percorridas no rigor das secas ou sob a bênção dos invernos abundantes. E confesso que nenhum escritor do Nordeste me deu, jamais, impressão mais viva, nem mais justa, das paisagens que eu vi e das regiões que visitei. 7

Com efeito, só no conto que abre o livro e lhe dá o título, há sugestivos trechos retratando cenas vivas e verdadeiras da seca e do inverno em nossa terra. Há descrição como esta:

No cimo das galhadas, sobre o carnaubal cinéreo, gralham periquitos famintos, grasnam maracanãs, jandaias, coricas e anuns-pretos.

6 Ibidem. p. 96.

7 CAMPOS. Humberto de. *Critica*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936, 3. série, p. 125-6.

Somem-se as águas dos poços, putrefeitas.

Nas fazendas, principia então a labuta horrível de escavar a terra ardente, em procura da gota salvadora que o solo insaciável a mais e mais vai sugando.

Ou com esta outra, onde é bem diversa a paisagem:

Três dias depois da segunda chuva, de todos os pontos da terra exsiccada espontam os brotos verdes da babugem. Os troncos negros, que pareciam mortos, vestem-se de folhedos tenros, esmeráldicos.

No cimo das galhadas, nos juremais primeiro, surge uma folhagem verde-gaio, tão leve e tão tênue, como bocados plúmeos de nuvens verdes, tombados sobre a mata. Nos baixios alagados estendem-se as águas claras das lagoas, como outros pedaços do céu, onde em breve se estrelará a floração branca do moçambê. 8

Como não poderia deixar de acontecer, o poder verbal do ficcionista está presente nas páginas sentidas de seu livro de memórias, *Poeira do tempo*: para dar apenas um exemplo, e dos mais eloqüentes, basta o capítulo *O Primeiro Amigo*, onde é evocada a figura de José Nogueira, assassinado a tiros em frente ao Clube dos Diários, em 1914. Depois de falar do amigo e da tragédia que o vitimou, abalando Fortaleza, revela o escritor que, quase 25 anos mais tarde, no Rio de Janeiro, no velho casarão do Tesouro, onde trabalhava, num local que ele expressivamente descreve como uma “sala sempre escura, por mais que fosse meio-dia”, alguém o procurara, em busca de um papel de seu interesse e ao identificar-se, “deixou cair o nome do assassino de José Nogueira”. Reproduzo na íntegra o final desse capítulo:

Por um momento, na sala silenciosa e lóbrega, foi como se tivesse havido um tiro. Instintivamente me retraí, dum modo que não poderia ter passado despercebido a ele. É que o papel que eu tinha debaixo dos olhos, sobre a mesa, como que se transmudara de repente naquelas mesmas finas

8 LIMA, Herman. *Tigipió*, cit., p. 18 e 30.

roupas do rapazinho morto de Fortaleza, o paletó chamuscado de balas, a camisa numa papa de sangue, que eu vira uma vez, como prova do processo do crime, com que se fora aquela vida, tirada pelas mesmas mãos que agora se estendiam para mim, sinistras e ao meu parecer ameaçadoras, como as dum fantasma do passado vindicativo. 9

Posso dizer que nasci ouvindo o nome de Herman Lima, tantas vezes o pronunciou meu Pai, rememorando os tempos remotos da Fotografia N. Olsen. Mais tarde, pude admirar-lhe a obra literária e compreender a importância de seu papel no panorama de nossas letras. Mas foi só em 1974 que pude conhecê-lo pessoalmente, em sua última vinda a Fortaleza, quando fomos visitá-lo, no Meireles, meu Pai e eu, levados pela mão amiga de Braga Montenegro. Podia eu ver de perto um dos maiores vultos da literatura de nossa terra. Alto e anguloso, aquele homem de quase 80 anos de idade, que deixara o Ceará havia mais de meio século, nada tinha de baiano, nem de carioca, nem de cosmopolita: era um puro cearense, ora assumindo ares de matuto encabulado, ora entusiasmado-se com o relato de fatos ligados à sua vida de escritor, ora desfazendo-se em risos ao evocar as peripécias de sua juventude...

Depois, estive com ele algumas vezes no Rio, em 1976 e 77, em sua casa do Jardim Botânico ou em reuniões na biblioteca de Plínio Doyle. E sempre, por mais que derivássemos a conversa para outros assuntos, terminávamos falando do Ceará, principalmente do Ceará de seu tempo, que era também o da iniciação de meu pai nos caminhos da literatura. Eram conversas agradáveis mas ao mesmo tempo tristes, porque molhadas de saudade.

Da segunda vez que me demorei no Rio, em 1979 e 80, sabendo que o escritor estava enfermo, e que cada vez mais se tornava precária sua saúde, confesso não ter tido coragem de visitá-lo. Ademais, já então meu pai havia passado para o outro lado da Vida, e mais tristes teriam sido as nossas conversas sobre esse tempo que não foi o meu, mas que sempre me pareceu tão familiar...

9 LIMA, Herman. *Poeira do Tempo* (memórias). Rio de Janeiro, José Olympio, 1967, p. 49.

Herdeiro direto do Realismo, Herman Lima, com a obra que deixou, não é nome que possa jamais ser esquecido: ficcionista, cronista, crítico, memorialista e também tradutor, sua obra mereceu elogios de nomes como João Grave, Agrippino Grieco, Humberto de Campos, Carlos Chiacchio, Medeiros e Albuquerque, M. Cavalcante Proença, Manuel Bandeira, Gustavo Barroso, Antônio Sales, Mário Linhares, Dolor Barreira e Braga Montenegro, para citar apenas alguns escritores que, como ele, já empreenderam a Grande Viagem.

Com a morte de Herman Lima, a cuja memória a Academia Cearense de Letras rende homenagem, não é exagero afirmar que se encerra todo um capítulo da história literária do Ceará e do Brasil.